



OS ESPECIALISTAS CONGELARAM O MATERIAL RETIRADO DOS ROEDORES APREENDIDOS E VÃO FAZER EXAMES NO LABORATÓRIO PARA IDENTIFICAR O TIPO DE VÍRUS

Técnicos do Adolf Lutz concluem trabalho no DF

MARIA FERRI
DA EQUIPE DO CORREIO

Técnicos do Instituto Adolf Lutz (IAL) partem hoje para São Paulo com 500 amostras de sangue e vísceras de ratos silvestres apreendidos em São Sebastião, onde três moradores morreram de hantavirose. A partir de amanhã o IAL iniciará os testes para descobrir a espécie hospedeira e o tipo de hantávirus transmitido no Distrito Federal. Dois moradores da cidade continuam internados em hospitais públicos com os sintomas da doença, sem previsão de alta.

As primeiras ratoeiras foram instaladas no final da tarde de quarta-feira, quando os técnicos do IAL chegaram a Brasília. Realizado em parceria com equipes do EPI-SUS do Ministério da Saúde e da Diretoria de Vigilância Ambiental da Secretaria de Saúde do DF, o trabalho terminou na

noite de ontem, quando as equipes colheram o sangue e as vísceras dos 510 roedores apreendidos em quatro manhãs de captura. Eram de oito espécies diferentes sendo a *Bolomys lasiurus* a que mais predominou.

Testes sorológicos

O IAL já registrou a transmissão do hantávirus pelo *Bolomys*, típico de cerrado e caatinga, num surto registrado em Araraquara, interior de São Paulo. "Em todos os surtos ocorridos no país é comum a população ficar em pânico. Mas aprendemos a conviver com o risco de contrair a doença tomando medidas preventivas. Não há outra forma de evitá-la e a probabilidade de contaminação sempre irá existir pela proximidade de matas", alerta Luiz Eloy Pereira, pesquisador científico do IAL. Ele acompanha casos de hantavirose desde o primeiro registro no Brasil, em 1993 (leia entrevista). O material extraído dos roedores

apreendidos na cidade passarão primeiro pelo teste sorológico Elisa, que indicará ou não a existência do vírus. Depois, será submetido ao exame RTPCR, responsável pela identificação do tipo de vírus. Só então o resultado das análises será comparado com os exames das vítimas do hantávirus. O IAL ainda aguarda o resultado que apontará o tipo de vírus que matou Denifer Quintanilha Utiwma, 17, Adauto Silva de Lima, 16, e Francisco Gomes da Silva, 24, vítimas confirmadas de hantavirose. O resultado de todos os testes ficam prontos entre 21 e 30 dias.

Até o final desta semana a Diretoria de Vigilância Ambiental deve divulgar o resultado de uma pesquisa dos principais hábitos da população e as causas do aparecimento de animais que podem transmitir doenças na cidade. "Estamos traçando um perfil dos fatores de risco, tipos de roedores, água utilizada pela comu-

nidade. Isso nos dará um panorama que ajudará o governo nas ações de saneamento", informa a diretora da Vigilância Ambiental, Miriam dos Anjos Santos.

Dois moradores de São Sebastião continuam internados com os sintomas da hantavirose: febre alta, dores no corpo e insuficiência respiratória. José Eustáquio Luiz Brandão, 28 anos, está no Hospital Regional da Asa Norte (Hran) desde o dia 9, depois de ser transferido do Hospital Regional do Paranoá (HRP). Ele apresentou melhorias, pode receber visitas, mas não há previsão de alta. No Hospital Regional da Asa Sul (Hras) há outro caso suspeito: a adolescente S.A.S., 15, grávida de três meses. Ela está com dificuldade para respirar, mas reage bem aos medicamentos. O quadro clínico apresentado até a tarde de ontem aponta para a cura. A secretaria de Saúde ainda não sabe se os dois têm hantavirose. Aguarda o resultado dos exames.

AS VÍTIMAS DA HANTAVIROSE

3 mortes confirmadas

Denifer Quintanilha Utiwma, 17, Adauto Silva de Lima, 16, e Francisco Gomes da Silva, 24, que morreram entre os dias 22 e 27 de maio após apresentar os sintomas da doença: febre alta, dores no corpo e insuficiência respiratória.

1 morte suspeita

O comerciante Gilberto Alves de Souza, 64 anos, morreu às 3h de quinta-feira na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Regional da Asa Norte (Hran), com febre alta, dores no corpo, e insuficiência respiratória. Maurícia Jesus, 21 anos, morreu em 23 de maio após dar entrada no Hospital Regional do Paranoá (HRP) com febre alta, vômitos, dores de cabeça e na barriga. Exames revelaram que ela não tinha hantavirose. Os motivos de

sua morte ainda são desconhecidos.

3 pacientes sobreviventes

Dois homens e uma mulher, moradores de São Sebastião, internados com os sintomas da doença e tiveram alta. Exames realizados nos pacientes comprovaram que eles tiveram hantavirose. Com esse resultado, sobe para seis os casos diagnosticados da doença no DF.

2 pacientes suspeitos

Dois pessoas continuam internadas em hospitais do Plano Piloto com sintomas da doença. José Eustáquio Luiz Brandão, 28 anos, está no Hospital Regional da Asa Norte (Hran), e S.A.S., 15, grávida de três meses, no Hospital Regional da Asa Sul (Hras). Segundo os médicos os dois apresentaram melhorias, mas ainda não há previsão de alta.

AS OITO ESPÉCIES ENCONTRADAS

• *Akodon sp*

• *Bolomys lasiurus*

• *Calomys temer*

• *Calomys callosus*

• *Mus Musculus*

• *Oryzomys nitidus*

• *Oligoryzomys nigripes*

• *Pseudoryzomys sinilex*

Como é feito o exame

Os ratos foram sedados com éter e os técnicos colheram amostras de sangue. Após sacrificá-los, as vísceras foram retiradas para análise. Congelado em nitrogênio líquido a uma temperatura de 196 graus negativos, o material passará por um teste sorológico, chamado Elisa, para saber se apresenta o hantávirus. Caso confirmado, é feito o exame RTPCR, que determinará a tipagem do vírus. Só existem três tipos conhecidos no Brasil: Araraquara, Juquitiba e Castelo dos Sonhos. A análise dura de 21 a 30 dias.

Qual predominou

Menor do que os ratos urbanos, o *Bolomys lasiurus* é marrom e o mais comum do Brasil. Vive em áreas de cerrado e caatinga, como a vegetação do Centro-Oeste e do Nordeste. Embora natural de ambientes silvestres, pode freqüentar habitações urbanas em busca de comida. A espécie *Bolomys* hospedava o hantávirus num surto registrado em Araraquara, interior de São Paulo, cidade que deu nome ao vírus.

Curiosidade

Existem cerca de 200 espécies de ratos no Brasil. Apenas três são de zona urbana: *Rattus Rattus* (rato do telhado), *Rattus Norvegicus* (ratazana de esgoto) e *Mus musculus* (camundongo). O país lidera o ranking de mamíferos, graças às espécies de roedores e morcegos.

Fonte: Instituto Adolf Lutz